

TEXTO E IMAGEM:

RELAÇÕES NECESSÁRIAS NO ENSINO DE LEITURA¹

Karina de Freitas Silva Fernández²

Laís Scodeler dos Santos³

RESUMO: Este artigo aborda a questão da formação do leitor na segunda etapa do Ensino Fundamental. O objetivo é discutir caminhos para se trabalhar, nesta fase escolar, a leitura de textos literários especialmente a poesia. Propomos uma reflexão acerca da necessidade da construção de uma leitura imagética do texto, posto que partimos do princípio de que a poesia é um texto que se perfaz na elaboração de imagens e antes mesmo de ler o código gráfico o aluno já é um leitor de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; leitura; imagem

ABSTRACT: The summary approaches the question of formation of the reader in the second state of Elementary School. The objective is to argue ways to work, in this pertaining school phase, the reading of literary texts especially the poetry. We consider a reflection concerning the need of an imagetic reading construction of the text, once we come to know that the poetry is a text which accomplishes itself from the elaboration of images and even before the reading the graphic code the student is already an image reader.

KEY-WORDS: poetry; literature; image

¹ Trabalho apresentado no 1º Seminário de Educação da DEPA - Educação no Século XXI, no Colégio Militar do Rio de Janeiro, em setembro de 2007.

² Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Mestre em Letras/ Teoria da Literatura (UFMG). Professora dos departamentos de Língua Portuguesa e de Línguas Estrangeiras Modernas (CMJF). E-mail: karina_jrj@yahoo.es.

³ Graduanda em Letras (UFJF).

A imagem sempre se constituiu em uma forma de o homem expressar seus pensamentos. Durante toda a história da humanidade o homem utilizou imagens para registrar e representar os fenômenos visuais. Ele aprendeu a pensar com as imagens e a perceber o mundo pela visualidade. Manguel (2001) nos relembra que Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requeria imagens. A poesia é uma pintura, pois trata de uma atividade intelectual que produz imagens mentais. Arte da palavra por excelência, só lhe damos sentido quando conseguimos construir imagem mental que se elabora como um quadro até que se chegue a constituir um todo. Assim, a leitura do texto poético nos leva a operar com imagens o tempo todo e uma imagem leva a outra sucessivamente.

Todas essas imagens mentais só se formam quando é possível o estabelecimento da relação com o mundo exterior. Quando não reconhecemos essas semelhanças, falta-nos algum conhecimento que deve ser alcançado a fim de que a leitura volte a fluir e se possa, enfim, compreender a mensagem do texto. É nessa lacuna que se dá o papel do ensino, sobretudo o de Língua Portuguesa (LP). O ensino da leitura do texto literário – o que mais nos interessa neste artigo – só ocorre quando se prioriza o avanço gradativo do conhecimento acerca do fazer poético (forma do poema – rima, versos, estrofação, metrificção, gêneros) e seu processo imagético.

Contudo, dada a priorização do ensino da linguagem escrita, a imagem perde sua relevância com o passar das etapas da Educação Básica, sobretudo a partir do 6º ano do Ensino Fundamental (EF). Ler é entendido como o ato de decodificar palavras e de interpretá-las, reconhecendo seu significado no contexto. Esquece-se de que Ler⁴ envolve muito mais coisas do que ler e escrever um código gráfico. Ler pressupõe a formação de um olhar que presentifica o mundo. Nesse sentido, o texto é um conjunto de imagens, muitas vezes enigmáticas, a espera de um leitor que lhes dê existência.

⁴ Ler com letra maiúscula compreende-se entender o sentido do texto, enquanto ler indica apenas verbalizar o som pela junção dos sons transformando em palavras e da junção oral as frases e assim por diante.

Formação do repertório do leitor

Todas as discussões possíveis relacionadas à temática abordada neste artigo encontram fundamentação na Teoria da Recepção, difundida pelos teóricos Roland Barthes, Wolfgang Iser e Jauss. Em fins da década de 60, Barthes escreveu o importante ensaio “A Morte do Autor” (1968), no qual salientava o leitor como principal responsável pelo sentido do texto. Mas é Iser quem nos aclara essa posição quando, em seu livro *A Estética da Recepção – Vol. II* (1996), afirma o leitor, responsável pelo sentido do texto. Contudo, só está apto a estabelecer esse sentido pelo repertório de leitura que tenha e pela sua capacidade associativa.

Ora, só sou capaz de formar um repertório de leitura quanto mais rica for minha vivência no mundo quanto mais contato com objetos artísticos ou não venha a ter. Neste caso, abrangemos não apenas a leitura de livros, independente de ser literário ou não, como também o conhecimento de outras artes (pintura, escultura, arquitetura). E ainda a leitura de jornais, revistas e todo tipo de texto que nos circunde.

A exposição a todos esses tipos de textos nos permitirá criar *links* e associar elementos uns aos outros, enriquecendo assim minha leitura. Devemos ter em conta que o processo associativo é mental. Na minha mente crio imagens para aquilo que falo, ouço, vejo. Logo, é factível pensar intensamente a relação entre palavra e imagem.

É na sua *Arte Poética*, conforme já mencionamos anteriormente, que Aristóteles nos ensina a compreender a poesia como pintura, posto que aquela constrói belíssimas imagens que são formadas em nossa mente à medida em que lemos o texto. É essa uma das características estéticas da poesia. O intenso uso de figuras de pensamento, que levam à formação de imagens mentais que favorecem o entendimento do texto.

Tudo isso pode parecer um pouco complicado, mas devemos recordar que a imagem, enquanto linguagem de expressão do ser humano, surgiu antes da palavra. Arlindo Machado, em artigo publicado no livro *O Quarto Iconoclasto* (2001), ao fazer uma breve passagem pela história da imagem, nos recorda que o homem viu a necessidade de criar um código mais simplificado que desse conta de traduzir o que

desenhava, já que o homem, para dizer o que pensava, necessitava desenhar muitas imagens.

De fato o código escrito facilitou. Tornou-se o mais importante código de nossa sociedade e determinante nas academias. As escolas adotam o código escrito como primordial e, ainda, em muitas delas a prioridade para o ensino da Língua Portuguesa em sua variante padrão por razões óbvias, mas que aqui destacamos uma das principais: a manutenção da unidade lingüística pelo país.

O predomínio da escrita no universo escolar

Os profissionais da educação brasileira vêm buscando, nos últimos anos, respostas para algumas inquietações. *Por que meus alunos lêem tão pouco?*, *Por que meus alunos escrevem tão mal?*. Esses são dois dos inúmeros questionamentos presentes no universo educacional. Muitos professores se sentem impotentes ao perceber a ineficácia de sua didática.

De fato nos angustia ver a educação brasileira passar por tamanha crise de identidade. São raros os colégios que conseguem acertar sua política pedagógica e alcançar o sucesso almejado pelos professores: o domínio das diversas práticas de linguagem que permitam o aluno a interagir em qualquer situação social a que esteja exposto.

As respostas a essas perguntas (*Por que meu aluno lê tão pouco?* e *Por que meu aluno escreve tão mal?*) acabam sendo sempre as mais óbvias. Óbvias no sentido de que o que se busca primeiramente é encontrar o culpado. Então, quem é o culpado de meu aluno ler tão pouco e escrever tão mal? Frequentemente são apontados como motivos para a pouca leitura os atrativos que afastam o aluno do universo literário (computador, vídeo game, shoppings), além da própria estrutura do texto literário. No que diz respeito à escrita, observa-se que os alunos constituem turmas bastante heterogêneas, muitas vezes com níveis distintos de conhecimento.

Entretanto, a maioria dos profissionais concordam que ler e escrever é uma tarefa de todas as disciplinas. Como explorar a leitura nas mais diversas disciplinas passa a ser o novo problema para a educação que deseja colocar em prática essa teoria. É primordial compreender o sentido que temos de leitura para percebermos se a forma como adotamos esses processos em sala de aula são

suficientes ou não para que nossa mediação, enquanto professores, seja eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

Notamos que toda a estrutura escolar está pautada na escrita, deixando praticamente de lado as outras formas de expressão do homem. Segundo o teórico Arlindo Machado, nunca estivemos tão inseridos no mundo das palavras. Ele nos lembra que as formas escrita e oral estão muito fortes e muito presentes em nosso mundo. Ainda que tenhamos a sensação de que estamos no mundo das imagens, estas quando aparecem são usadas, em sua maioria, como recurso, não em sua originalidade.

Um exemplo que o pesquisador utiliza é quando estamos diante da televisão, se saímos diante dela conseguimos estar na cozinha e rir daquilo que estamos ouvindo, isso porque formamos uma imagem mental daquilo que estamos escutando. No âmbito da educação, é raro o trabalho com música em sala de aula, ou ainda com a pintura, ou com outras formas de artes. A Educação Artística ou Artes é a disciplina encarregada de apresentar a pintura para o aluno, mas, em sua maioria, o ensino fica destinado a promover a liberdade criativa do aluno para a produção artística.

Alunos saem do EM sem ao menos haver se deparado com obras de Picasso, de Velázquez, de Michelângelo, Da Vinci, Rembrand, Tarsila do Amaral, apenas para citar. E o que dizer da arte produzida em nosso tempo. Quando os alunos ouvirem falar em vídeo arte, arte transgênica, *computer art*, cine arte, arte da telepresença, arte wireless, arte virtual, narrativa generativa, arte generativa? Como eles têm vivenciado as manifestações artísticas de nosso tempo?

O ensino de disciplinas como História, Geografia, Química, Física são, quase que exclusivamente, marcadas pela escrita. Livros inteiros são lidos em sala de aula e, na maioria das vezes, sem apresentar um elo de aplicabilidade para a vida dos alunos. Desconfiamos, pois, até que ponto todo esse arcabouço teórico facilita o processo associativo do aluno para a leitura de diferentes textos. Observamos, sobretudo, que, boa parte das vezes, as imagens presentes nos livros didáticos são mais propriamente adornos ilustrativos. Em alguns momentos vemos professores com iniciativa de usá-las como recurso para a compreensão do texto.

A imagem como recurso didático

Utilizar a imagem como recurso, aliás, é algo que defendemos, posto que facilita a compreensão do texto lido. Devemos ter como norte o fato de que texto e imagem são linguagem paralelas que andam unidas. Se Aristóteles nos chamou atenção para o fato de que a poesia é uma pintura, outros teóricos das Artes, no século XVIII nos recordaram que também a pintura é um texto.

As pinturas clássicas, sobretudo, eram realizadas pelos seus pintores com finalidade catequética. Tinham como um de seus objetivos narrar por imagens histórias bíblicas. *A Criação de Adão*, de Michelângelo, a *Anunciação* e *O Batismo de Cristo*, de Leonardo da Vinci, *A Criação dos Animais*, de Rafael, são algumas das telas sacras renascentistas que se constituem em verdadeiras narrativas. Por exemplo, *A Criação de Adão* é um afresco que figura no teto da Capela de Sistina. Nele, Michelangelo representa, artisticamente, o episódio do Livro do Gênesis no qual Deus cria o primeiro homem: Adão.

Outro exemplo é o quadro *Las Meninas*, do pintor espanhol Velásquez. Essa é uma tela de 1656 pertencente à coleção do Museo do Prado em Madrid, Espanha. A obra representa uma situação paradoxal em uma sala do Palácio Real captada de maneira supostamente espontânea. Pelo título da obra, supomos, em um primeiro momento, que o que está sendo representando é a pequena infanta Margarita (filha dos monarcas) acompanhada de duas meninas (suas damas de honra), em primeiro plano e outros personagens dispostos em segundo plano. No entanto, esse entendimento é desvirtuado pela presença na extremidade esquerda do quadro de uma tela na qual o próprio Velásquez trabalha, situação que se configura em um auto-retrato. E, na parede ao fundo da sala, em um espelho, aparecem refletidos os rostos do casal real: Felipe IV e Mariana da Áustria. Além disso, há o sujeito que espreita na soleira da porta do fundo da sala.

Claro que essa obra é enigmática e nos caberia buscar entender a noção de perspectiva, noção essa que perpassa toda a história das artes. Bom, o que nos importa aqui não é desvendar o enigma do quadro, mas mostrar que dele se desenvolvem uma série de textos que explicam não apenas a representação da família real como também toda a



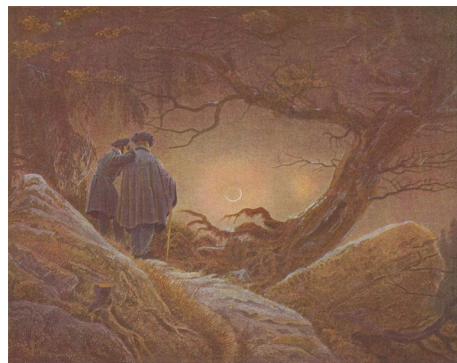
Las Meninas, Velásquez

estratégia de perspectiva da pintura utilizada por Velázquez. Inúmeros teóricos têm proposto uma leitura da obra. A de Michel Foucault é a mais consagrada delas. O interessante de sua leitura é a observância de que o espectador é transferido para dentro do quadro.

A construção de imagens pelo texto

Se a pintura remonta a uma grande construção narrativa, assim também o é com o texto, já que pela sua leitura podemos construir uma imagem. *Canção do Exílio*, do poeta brasileiro Gonçalves Dias, é um poema de exaltação patriótica. O poeta, no exílio, exalta sua terra. É belíssima a imagem que se forma acerca da natureza brasileira explicitada pelo sabiá e a palmeira.

Em sala de aula o professor busca mostrar justamente essa tendência de construção de uma literatura nacionalista e ideal, tão particular do Romantismo. Contudo, o poema poderia ser bem explorado se antes fosse visualizado o período histórico desse movimento. Refletimos como seria importante apresentar as telas do pintor alemão Caspar David Friedrich, por exemplo, juntamente com o estudo desse poema.



Dois homens contemplando a lua
(1819)

Um dos maiores pintores românticos do século XIX, Friedrich pintou paisagens belas e idealizadas que expressavam os sentimentos de uma alma que busca Deus na contemplação da natureza.

Ainda há a possibilidade de trabalho da imagem como um recurso para a compreensão do texto. É o caso da leitura de cantigas, ou de tantos outros textos literários quando o professor inicia seu processo de ensino de Literatura. A compreensão dos poemas torna-se mais eficaz com o estudo das iluminuras que tão bem representam a cultura e a natureza feudal, além dos amores das cantigas de amor e de amigo.

Vale frisar que, muitas vezes, os professores de Literatura trabalham de forma sistemática o texto literário, enquadrando-os em movimentos, posto que essa ainda é uma prática curricular do ensino de Literatura. É muito comum, portanto, o

ensino das características do movimento literário para encontrá-las no texto literário. Assim, aprende-se uma série de características do Romantismo e busca-se na poesia esses elementos.

Mas aí questionamos sobre a eficácia desse tipo de prática. Será que de fato a leitura de *Canção do Exílio* a partir desses critérios serve ao aluno para compor seu repertório de leitura. Em partes sim. Se pensarmos a curto prazo, a aplicabilidade desse conhecimento serve ao bom desempenho em exames escolares visando à aprovação. No entanto, o professor não atua como mediador para ensinar o aluno a estabelecer elos entre uma leitura e outra, entre textos de movimentos literários distintos, posto que seu entendimento de ensino de Literatura é bastante estanque e fragmentado. Refletir a formação do leitor crítico significa, em um primeiro momento, combinar na prática didática o texto a outras práticas artísticas que envolvam a imagem.

Texto como multiplicador de outros textos

Umberto Eco, em *Seis passeios pelo bosque da ficção*, lembra-nos que, antes de tudo, o texto é “uma máquina preguiçosa que espera muita colaboração da parte do leitor” (p. 34). O texto literário, a todo o momento, chama o leitor para que preencha uma série de lacunas, afinal, aludindo ao famoso conto de Borges, o texto é um “jardim de caminhos que se bifurcam”, ou como o próprio Eco aponta, um bosque com diversos caminhos chamando o leitor para percorrê-los. Contudo Eco nos recorda que o leitor nem sempre sabe colaborar com o texto, porque pode lhe parecer difícil preencher seus espaços vazios.

Observamos, contudo, que, ao ser inserido no 6º ano, o aluno é obrigado a reconfigurar toda a sua forma de ler. A transição da literatura infantil à infanto-juvenil é, às vezes, tão traumática que fica uma lacuna a ser preenchida e isso prejudica a formação do leitor. O aluno sente muita dificuldade, pois não consegue dobrar e desdobrar o texto, relacionar um a outro fragmento. Torna-se uma atividade complicada porque não dá conta de criar uma imagem para algo que não está próximo a seu cotidiano.

Os textos literários, então, vão perdendo espaço e acabam abandonados. Na maioria das vezes, tornam-se obrigatórios durante a ida semanal à biblioteca que

com o tempo passa a ser uma atividade cansativa e monótona para o aluno. Isso é entendível, posto que até a 4ª série o aluno é motivado a desenhar a parte do livro de que mais gostou, a resumir o que mais achou interessante, em suma, a expressar o que entendeu do livro. Na etapa posterior, o aluno apenas lê, absorve o texto e não lhe é dada a oportunidade de interagir com os colegas.

O trabalho com a intertextualidade é um dos caminhos mais legítimos para auxiliar o leitor na construção de seu repertório de leitura. Ele necessita ampliar sua bagagem cultural a fim de reconhecer as referencialidades presentes na obra. A interação entre texto e leitor é gerada na comunicação, no decorrer da leitura. Contanto que o receptor viva uma relação com o texto no qual possa retirar uma certeza explícita, a interação ocorrerá já que conseguirá compreender os códigos fragmentados no texto.

O leitor preenche, então, as lacunas por meio de representações imagéticas que constituirão o sentido da obra. Os vazios são indicadores dos segmentos dos textos que conectados permitem a formação do objeto imaginário. Segundo Iser, a conectabilidade entre os fragmentos do texto, interrompida pelos vazios, determina um número de possibilidades indefinidas de leitura e, de acordo com a combinação dos esquemas, exige decisão do leitor. As conexões dos textos são combinadas pelo receptor através de seu repertório de leitura. O teórico acrescenta que os vazios do texto tanto serão preenchidos pelo repertório do leitor como pela sua estratégia de leitura.

O ato de leitura é marcado por um processo associativo que ativa o conhecimento do leitor. Os esquemas textuais dialogam culturas diferentes oriundas da inclusão de textos de outros autores. A atualização, neste caso, reside no leitor que relaciona o texto com outras obras, com outros discursos e imagens. É nesse processo de conexão do texto com outros documentos, somado a seu repertório de vida e leitura, que o receptor dá significação ao texto.

Conclusão

Este trabalho explora a necessidade de um trabalho contínuo a fim de ampliar o conhecimento de leitura do estudante, levando-o a adquirir um conhecimento mais amplo que lhe permita inserções no texto literário mais aquém da

percepção primária dos elementos de fácil compreensão do texto. O ideal é, pois, refletir maneiras de abordar o poema, sobretudo, aproveitando-se dessas percepções iniciais do aluno para depois utilizá-la como veículo de informação prática e teórica.

Notamos, contudo, que o gosto do aluno pela leitura pode ser preservado desde que o trabalho com o texto literário, em especial com a poesia, se dê em um contexto mágico, lúdico e criativo, de tal forma que ele se identifique com a sensibilidade poética.

Referências Bibliográficas

ALVES, José Hélder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O Livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3^a Ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005. p. 62-74.

BARTHES, Roland. **O Rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1988.

_____. **S/Z: uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac**. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hidegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

ISER, Wolfgang. A Interação do texto com o leitor. In: **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. (org. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

_____. **O Ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Vol. 1. Trad. Johannes Kretchemmer. São Paulo, Ed. 34, 1996.

MACHADO, Arlindo. **O Quarto Iconoclasto e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001.

MARCHI, Diana Maria. A Literatura e o leitor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira et al. (orgs.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 3^a Ed. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2000.